

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Direcção:

VITORINO SIMÕES LOPES

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

09 de Abril

CREANCINHAS POBRES

Ainda a infâmia

Mais um ano decorreu sobre este memorável dia, que a alma portuguesa tem gravado em indeléveis letras de ouro. Mais uma vez foi feita a devida consagração ao titânico esforço do nosso valoroso exército que em La Lys soube suportar com indizível heroicidade o terrível embate das hostes alemãs.

Bem poucos eram os bravos soldados que constituíam a valente legião portuguesa; esmagados em o número de homens e apetrechos bélicos que compunham as hostes invasoras; mas a valentia e coragem de cada um dos primeiros, valia por muitos dos segundos. E assim essa onda devastadora que tudo julgava levar de fácil vencida, que tudo reduzia a pó sob os seus pés demolidores, semeando com infernal prazer a morte e a desolação por toda a parte onde tristemente assinalava a sua passagem, teve de defrontar-se com um punhado de bravos que em um glorioso gesto de inolvidável valentia, de inatingível coragem, de inegalável audácia lhe gritou: Alto aí!

E a onda poderosíssima e que tudo ameaçava sorver nas fauces do seu abismo, quebrou-se contra o pequeno rochedo da legião de Portugal, que repetindo denodadamente o terrível embate a deixou alquebrada e impotente. Não tiveram as armas portuguesas uma vitória na acepção precisa do termo, mas traçaram uma página de glória para a nossa história pátria; escreveram com o sangue generoso dos valentes soldados fastos sublimes que marcam relevantemente a grandeza, a altivez, a valentia, a heroicidade, o prestígio da nossa raça. Não se perderam na imensidão do espaço os sons dos clarins, levando aos cantos do universo a nova feliz do triunfo, mas nasceu ali, regada pelo sangue dos nossos soldados, acalentada com o seu heroico e decidido sacrifício a flor da vitória que em breve se ia dar, tornando finalmente dominadora a causa da liberdade, da justiça, contra a ambição do mundo, do domínio, da soberania. Sem esse recontro famoso que o heroísmo português soube audaciosamente, surpreendentemente deter, ninguém pode abalancar-se à vara do que teria sido o final da Grande Guerra.

De modo bem palpável o sentiram as tropas aliadas para as quais a valente e destemida legião

Quando as vejo passar sósinhas pelas ruas,
Farrapinhos sem côr, magrinhas, quasi nuas,
Guiando pelas mãos os lividos ceguinhos;
Quando as vejo passar nos longes dos caminhos
A soluçar com fome e a tiritar com frio:
Eu sinto todo em mim um gélido arrepio
E fico-me a pensar 'smagado de paixão
Por não as poder ter, aqui, no coração!

As loiras creancinhas

Quem há que as não ame?

Se choram, coitadinhas!...

Quem há que as não chame

Para lhes dar um beijo imenso de ternura?

Quem há que não afague os anjos de candura

Que o destino lançou a um negro tremedal

Onde o vício se gera e desabrocha o mal?

Há muitos séc'los já o Cristo sonhador

Suplicava bondoso, olhando-as docemente:

"Deixai-as vir a mim, sorrir à minha dor,

Deixai-as vir a mim, pois quero, ternamente,

Ensinar-lhes um canto ingente de Verdade

Que faz florir o Amor e os beijos da Bondade...!"

O' loiros querubins, ó meigas creancinhas,
Que trazeis só no corpo as rotas camisinhas
Quando a geada cai terrível do espaço:
Vinde tôdas a mim, correi ao meu abraço,
Que unidas ao meu peito eu quero-vos cobrir
Do gêlo do inverno que não tarda a vir...
Eu quero repartir meu duro pão convôscos,
Sentar-vos ao meu lar abandonado e tóscos,
Para aí vos contar histórias rendilhadas
De princesas e reis e moiras encantadas...

O' loiros querubins que tanto adoro, tanto,
Eu com meus lábios quero haurir o mar de pranto
Que nas faces vos corre algente como estrelas!
Vinde tôdas a mim, ó tristes filomelas,
Que vos hei-de contar o Sonho de Jesus
Em auroras d'amor e arrebbóis de luz!...

Benditas sede vós, ó criancinhas pobres,
Que neste mundo andais aos pontapés dos nobres!...

Abril de 1929.

DELFIN DE VIMARANES.

José Luís de Pina

Encontra-se quasi restabelecido da grave enfermidade que por muito tempo o reteve no leito, o nosso estimado amigo snr. José Luís de Pina, ilustrado professor do Liceu de Martins Sarmiento.

portuguesa foi a estrêla brilhante anunciando a vitória.

Por isso é que de norte a sul, de leste a poente, em todos os recantos de Portugal o dia 9 de Abril é sempre venerado com a mais íntima veneração. E' que, se Portugal foi tantas vezes grande, maior ainda êle foi na famosa batalha de La Lys, santa precursora da vitória das Tropas Aliadas, contra as desmedidas ambições da tirania germânica.

A alma portuguesa sente neste memorável dia um fôgo inextinguível que a leva ao tûmulo frio onde para sempre descança o pobre soldado, que, baqueando esangue na linha da batalha, que encharcou com o seu precioso sangue, não pode assistir à consagração do triunfo que heroicamente preparou e sobre êle lança o bouquet sempre vivo da sua dolente saúde.

E em todos nós, como que arrancando-nos o coração do peito, se levanta o nobilíssimo sentimento de gratidão, de apreço, de admiração pela heroicidade, pelo sacrifício sublime, pelo admirável amor pátrio que souberam revelar os nossos valorosos soldados, aos pés de quem vamos depor o preito sincero da nossa melhor gratidão, e as nossas mais entusiastas saudações.

Dias amargos

Continuam a erguer-se os clamores contra a crise de trabalho, que—crescente dia a dia—se vai alastrando desmedidamente, tornando-se de cada vez mais grave. E' deveras para lastimar que êste assunto não seja convenientemente estudado, a fim de lhe ser dada uma solução que possa atenuar os males que dele advem. Nós—que repetidas vezes temos falado na falta de trabalho que actualmente há—não podemos pôr de parte êste caso para não incorreremos no crime daqueles que o agravam. Já é tempo de olharem a sério para a falta de trabalho.

Dezenas e dezenas de operários estão hoje sem pão!

Como sempre, continuaremos ao lado destes infelizes.

Orfeão de Fafe

Visita-nos no proximo domingo 21, este excelente grupo coral, que dará um espectáculo no Teatro D. Afonso Henriques.

Segundo nos informam, a casa está quasi toda passada, havendo o maior interesse em ouvir este distinto grupo coral.

A Associação dos Empregdos do Comercio de Guimarães, prepara uma carinhosa recepção aos ilustres visitantes da vizinha e próspera vila de Fafe.

A' espera...

Após a visita Presidencial, tôda a gente tem esperado a boa nova de o Governo haver atendido as justas reclamações da nossa cidade. Porém, tudo como dantes. O povo de Guimarães, que recebem com galhardia e com pompa o Chefe da Nação e alguns representantes do Governo—como suas ex.^{as} tiveram ensejo de verificar—é digno de mais consideração e de mais atenção por parte daqueles que se encontram senhores da governação pública.

Por que não havemos, pois, de ser atendidos?! Guimarães, terra de actividade, de trabalho e de incontestáveis tradições históricas, que é única e simplesmente as regalias que tem direito a gozar—regalias que veem de longos tempos. Não quere sujeitar-se a mendigar esmolas mas quere impôr-se—dentro da Lei e da Justiça—para que os seus Direitos sejam respeitados. Quere o que era seu; quere o que de facto lhe pertence. Hoje—melhor do que nunca—o Governo deve ter os conhecimentos precisos para não ignorar que urge dar a Guimarães o que é seu.

Quereis vestir bem e barato?

Só na alfaiataria de Ribeiro, Filho, ao Largo da Misericórdia, que acaba de receber um lindo sortido de casimiras nacionais e estrangeiras para a próxima estação de verão e em padrões da última moda.

Preços, os mais limitados do mercado. Não comprem sem visitarem esta casa.

Conforme dissemos no número anterior de "A Velha Guarda", e foi do domínio público, alguns individuos desqualificados propalaram que, os republicanos de Guimarães não se conteriam durante a visita do sr. Presidente da República, e cometeriam actos menos dignos, que ofuscassem o brilhantismo das festas.

Tal aleivosia, compreende-se o fim que visava: era o vexame aos republicanos desta cidade!

Se êsses calões que tais boatos lançaram e insinuaram, soubessem compreender o que é o verdadeiro dever cívico de cada um e não estivessem obsecados por falsos preconceitos e confiados na crassa ignorância da sua própria situação, não teriam procedido de uma forma tão abjecta para com os seus conterrâneos e que lhes sabem dar lições de civismo. Se êles estudassem "A psicologia das multidões", e reconhecessem o que elas são; se, ainda compreendessem que a sociedade não pode estabelecer-se, senão pela igualdade, deveres e direitos de todos os seus componentes, quer politica, social ou economicamente falando, outra seria a sua conduta e não teriam dado provas de uns sentimentos tão baixos e infames, como a sua própria acção os mostra, capazes de maiores torpezas.

Mas os republicanos de Guimarães, souberam conduzir-se na melhor ordem possível, como é próprio do seu civismo, dando lições aqueles que tudo são para fins inconfessáveis. Urrah pelos republicanos vimaranenses!

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

Médico hospitalar

Por conselho do corpo clínico do Hospital da Misericórdia acaba de ser nomeado médico do dito Hospital o intelligentíssimo clínico vimaranense Snr. Dr. Alberto Rodrigues Milhão.

Sua Ex.^a que ainda ha poucos anos abandonou os bancos da Escola que o doutorou e onde fez um curso dos mats brilhantes, que pela sua intelligencia e alto saber soube conquistar, entre geraes simpáticas, as dos seus colegas, tem já trabalhos que muito honram a medicina vimaranense, ha-de contribuir certamente para o levantamento científico daquela instituição de caridade.

Pelos pobres de Guardizela!

Pela sua instituição de Beneficência!

Há tempos que eu me tenho conservado num criminoso silêncio sobre as considerações que vinha arquivando acerca do caso de Guardizela.

A última hora surgiram certos plumitivos com aspirações à defesa da honra conventual e a tentar mordiscar os calcanhares deste obscuro jornalista de ocasião, não conseguindo, sequer, — para eterna glória dos seus clássicos artzoados — deitar por terra um único argumento meu. Pobres de Cristo!

Como eu me rio desses loucos sonhadores que têm o arrojo de vir para esta «Tribuna nobilíssima da Imprensa» defender um homem, um padre, completamente caído e autor do maior sacrilégio e do maior crime que supinho dever pesar na consciência dum cristão: — o desvio, em proveito próprio, duma pertença colectiva destinada a um Asilo de Inválidos da sua terra!!!

E o desgraçado padre — chama-lhe desgraçado porque não deve haver desgraça maior que a corrupção da alma — autor desse hediondo crime, sustentou ainda a valedade de se julgar digno duma defesa que o levantasse do charco imundo onde, impiedosamente, o arremessei com todas as forças da minha consciência.

E julgando fazer calar esta modesta mas batalhadora caneta que sempre pugnou pela Verdade e pela Justiça, pela Bondade e pelo Bem, transmitiu-me, por pessoa amiga, que me levaria aos Tribunais se eu continuasse neste campo de combate à sua obra nefanda e abjecta.

Pobre levita!
Como se eu me abalança-se a uma crítica sem argumentos e provas seguras que me podessem sustentar num equilíbrio compatível com a minha dignidade pessoal que reputo muito superior á de certos jornalistas que por aí vejo e que entreteem, à falta de elementos concretos, com umas retóricas abstridas daquilo a que se chama *senso comum* só com o fim de divertir os poucos leitores que, inconscientemente, os admiram e os adulam numa pasmaceira cretina e sensível.

Levar-me aos Tribunais por eu não querer ter a honra de pertencer ao restrito grupo de hipócritas fantasiados que o acobertam e lhe servem de *couraçado*; por eu ter a coragem de desmascarar os seus monstruosos erros profissionais, de o apontar à opinião pública como principal causador dos males que enferma a minha pobre terra, e, finalmente, por falar contra ele, apontando factos, para defender uma instituição benemérita e sagrada — um Asilo — que é *manhosamente* prejudicou, é arrojo, é tara demasiado enfadonha deste desgraçado padre!...
O medo porém, não me tolhe, padre José Rodrigues!

O medo é só próprio dos fracos e daqueles em cujas consciências pesam hediondos crimes.
Esses criminosos d'alma, padre, tem medo da própria sombra, julgando ver sempre nela o vulto sublime da Justiça Divina a pedir-lhes rigorosas contas dos seus crimes.

Para esses, sim, concordo que haja medo. Para mim foi infeliz o apêlo.
Mas descance que eu não quero, *por ora*, escalpelar mais a podridão dos seus crimes.
Sinto-me enojado, sabe?!...
Entrego-os à sua moral religiosa, à *balança Divina*, para que um dia possa examinar, minuciosamente, o peso das suas ignomínias na terra.
Curvar-me perante um vencido é um dever que se impõe à minha consciência de justo.

Alérta!

A Estação Postal de Vinhas

E' ainda hoje o nosso brado de alérta que vai ferir os ouvidos daqueles que, em *pés de lá*, têm tratado da mudança da Estação Postal de Vinhas para outra localidade.

Embora tenhamos a certeza que tal injustiça não se chega a consumar, por previdência vamos citando factos com o fim único de pôr *as claras* este importante assunto.

A Estação Postal de Vinhas, da freguesia de Moreira de Cónegos, há *nove anos* que funciona no referido local e há *sete* que lá tem, oficialmente, a sua *sede* pedida pela Junta de Freguesia de então com o aplauso e público testemunho das freguesias circunvisinhas — Lordelo, Guardizela, Gandarela e S. Martinho do Conde — a quem a referida Estação presta grandes benefícios no serviço de *registos*. E é consolador vermos — para prova da Justiça que proclamamos — que estas freguesias dão, na roda do ano, um numero muito maior d'elles! Impõe-se, portanto, a conservação da Estação Postal de Vinhas.

Pede-o a maioria do povo de Moreira de Cónegos e pede-o o povo das freguesias acima mencionadas.

Além disso, em Moreira de Cónegos, pelo que nos é dado ver, não se pretende *centralizar* a Estação do Correio como a Junta faciosamente informou; pretende-se, única e exclusivamente, tirar a caixa ao seu depositario por uma *métra vingança particular*, acção que bem denota a mesquinhez do *estófo* de quem a pratica.

E isto que dizemos, aqui o havemos de provar, documentalmente, se preciso for, embora cause *amargos de boca*. Amigos de todos... *sed magis amica veritas!*

Achamos caricato e vexatorio o Correio ter de andar á mercê e ao capricho de qualquer Junta que, a maior parte das vezes, — e é precisamente o que agora se dá em Moreira de Cónegos — quer cevar ódios pessoais sem se importar do bem-estar colectivo e da Justiça que assiste ao povo que representa.

Não pode ser!
Torna-se necessário, impõe-se mesmo aos espiritos bem formados, a colocação dum *dique* nestas questões de *lana caprina* que só servem para enlamear aqueles que, embora de *bôa fé*, lhes dão guarida.

E o caso da mudança da Estação de Vinhas, afirmá-mo-lo sem medo de contestação e com documentos á prova de fogo, é uma questão de *vingança pessoal* que se pretende exercer sobre o actual depositario. Mas fica para o próximo numero a continuação e o arranque desta hedionda *máscara*.

Roma e Pavia não se fizeram num só dia.

Victis Nonus!

E para terminar quero só dizer ao povo de Guardizela, aos pobres da minha terra, que estou com eles de alma e coração.
Soceguem.

A frágil *couraçado* que até agora o tem defendido esfrangalhar-se-há um dia ao sopro da mais leve *viração* e o *Asilo* voltará.

E então eu dir-lhes-hei como esse grande apóstolo da Liberdade e vítima do *jesuitismo* implacável Padre Manuel Guimarães:

«O' crentes, empuhai,

Em nome de Jesus, o Justo legendário!
E, em rijo batalhão, mão firme e vigorosa,
Os lobos expulsai, bani do Santuário
A lepra que o delinhu, imunda e gangrenosa!

A. P.

Ao médico eminente,

Dr. Alfredo Pinto, de Vizela

Venho eu, por este meio, testemunhar a minha eterna e indelevel gratidão para com este abalissado clínico pelo desinteressado esmero, cuidado e dedicação com que tão carinhosamente me soube tratar de uma pertinaz «bronquite-asmática» de que ha tanto tempo eu vinha sofrendo e cada vez mais me ia definhando o meu fraco organismo a ponto de eu me considerar já um dos infelizes mortais, condenados a uma morte precoce. Não me venham mais dizer que tão torturante moléstia é incurável, enquanto os altos designios da Providencia (oxalá por mui longo prazo) determinarem a valiosa existencia de tão sabio, illustre e modelar médico. Não digo mesmo que, mais hoje mais amanhã, me possa surgir qualquer novo sintoma da mesma; mas, se tal se der, se-lo-ha certamente pelo motivo de qualquer meu peculiar abuso — tal me conheço e convicto estou da radicalidade da cura. Eu bem sei que, com este meu publico testemunho, venho ofender profundamente a recatada modestia do Ex.^{mo} Sr. Dr. Pinto; mas que me perdôe S. Ex.^a, pois, com este meu espontâneo gesto, posso fazer muito bem á humanidade sofredora. Demais, toda a gente que tem a felicidade de conhecer os elevados dotes de espirito do tão digno, simpático e bondoso Director-Clinico do Estabelecimento Termal de Vizela — sabe muito bem que, adentro daquela alma tão bem formada, jamais entrou ou entrará, o que se chama orgulho, vaidade ou egoismo. Inteligencias raras como esta, é que nunca deviam desaparecer. Um novo, sim, na idade relativa dos anos; mas um veterano autentico e experimentadissimo em todos os diferentes ramos do vasto campo da alta sciencia médica.

Que o bom Deus, pois, sempre compassivo dos que resignadamente sofrem, se permita conservar por muitos e muitissimos anos uma vida tão preciosa, como util e necessária para os humildes deste inditoso vale de lagrimas e de dôres. E, o Ex.^{mo} Senhor Doutor, que mais uma vez me desculpe, reiterando-lhe os meus protestos de uma eterna gratidão.

Santo Adrião de Vizela, 10 de Abril de 1929.

José Pereira, professor oficial.

Um bom monárquico

E' este o titulo de uma local inserta em o nosso colega de Lisboa, «O Povo», de 9 de Abril, e que, com a devida vénia, passamos a transcrever:

«Um bom monárquico

Informam-nos de Guimarães que, em pleno Tural, em casa dum conhecido monárquico daquela cidade, uma criada recebeu ordem dos patrões para utilizar como trapo de limpar vidros e metais uma bandeira nacional, fazendo esse serviço ostensivamente, de modo que toda a gente veja.

A criada é suficientemente estúpida para não compreender o que está fazendo. A canalhice é dos patrões, tão miserável, que não tem explicação possível. Ou não fôssem eles monárquicos, daqueles que são capazes de vender a Pátria a tróco de algumas... corôas manuelinas.

Diante disto não é indignação

Oração

Graças e louvores sejam dados:

—A um determinado monárquico por mandar limpar os metais das suas portas com a Bandeira Nacional.

—A todos aqueles que espalharam a *notícia* de que os republicanos não se portariam digna e correctamente nos dias em que fôssem nossos hospedes os Ex.^{mos} Chefe de Estado e Ministros.

—A um *fogoso* orador que na ocasião das festas da independência frizou com tanta ternura e saúidade a expressão «*nossa monarquia*».

—A todos os monárquicos que nos dias 3, 4 e 5 p. p., deram vivas á República.

Amen.

VAUBRY

TINTAS PARA FAZENDAS

PARA TINGIR EM CASA
TECIDOS DE ALGODÃO,
Lã, LINHO, SEDA, ETC.

PRÁTICAS E GARANTIDAS

VENDE-SE:

CASA DAS NOVIDADES

GUIMARÃES

o que sentimos; é nojo, por se dizer português o canalha que, não tendo a coragem de enxovalhar publicamente a bandeira nacional, ordena á criada que faça dela um esfregão de cosinha.

Ao Snr. Governador Civil de Braga, recomendamos o cavalleiro..»

Como, porem, antes de termos lido esta local, outra tinhamos escrito, referente ao caso, para ser publicada, como o fazemos, neste numero de «A Velha Guarda», intitulada «A Bandeira Nacional desrespeitada, para ela chamamos a atenção do nosso illustre e intemerato colega, pois, além de lhe dar mais esclarecimentos, como seja a participação do facto á autoridade competente, da qual esperamos providências, lhe manifestamos a nossa solidariedade incondicional.

A Bandeira Nacional desrespeitada

Respeitar a Bandeira Nacional é o dever de todo o cidadão, pois é ela o simbolo da nossa Pátria. Ora aqui ha um cavalleiro que a tem desrespeitado, *apesar de ser tido como ilustrado*, a ponto de, ostensivamente, ser presenciado por diversas pessoas, o seu acto nada correcto. Já em o n.º 212 de «A Velha Guarda», de 20 de Janeiro passado, ha três meses, publicamos o suelto seguinte:

«DIZ-SE... — Que um certo e muito conhecido marechal monárquico, residente ali ao poente da Praça de D. Afonso Henriques, manda limpar os metais das portas com a bandeira nacional. E' faltar...»

Este suelto, deu éco, pois nos vieram dizer que o snr. Gaspar Ribeiro, era incapaz de tal consentir. Mas a verdade é que se reincidiu, continuando a serem

Alguns justos reparos

Ainda a visita do Sr. Presidente da República

Na recepção ao Governo da Ditadura apenas appareceram sete bombeiros das Taipas.

Sabemos que a Associação dos Bombeiros das Taipas tinha o seu estandarte e um Corpo Activo bem apresentado. Não comprehendemos por isso a razão de eles se fazerem representar tão mesquinamente.

E que bombeiros?
Que disciplina?
A proposito. Sempre gostavamos que alguém nos explicasse porque motivo se não apressa o inquérito ordenado ha um ano áquella Corporação afim de fazer justiça a quem competir.

Quere-nos parecer que anda ali grossa empenhoca entravadeira.

*

Fez successo o entusiasmo delirante com que foi recebido nas Taipas o Ex.^{mo} General Garmona e a sua comitiva.

A Comissão de Iniciativa das Taipas a que preside o distinto Médico sr. Dr. Carvalho Ribeiro não se poupou a esforços para que os nobres visitantes dali levassem indelevels recordações e merece todos os elogios pelo extenuante trabalho, pelo sacrificio, pelo esforço desenvolvidos.

Tambem é digna de registo a guarda de honra feita pelos bombeiros locais, de que são dignos comandantes os snrs. Joaquim Ferreira Monteiro e Manuel Araújo.

*

Nos convites para os festejos profusamente distribuidos a monárquicos oportunistas omitiu-se a representação dos monárquicos intransigentes, como deixaram de ser contemplados os republicanos, banqueiros, professores, médicos municipais, officiaes do Exercito etc.

Sempre o esquecimento...

«Delivrance»

Teve o seu bom successo dando á luz uma robusta creança do sexo masculino, a dedicada esposa do nosso presado amigo e valoroso correligionario sr. Miguel Ribeiro Guimarães, conceituado commerciante desta praça.

limpos os vidros e metais, com a Bandeira Nacional, e, com a agravante de, propositadamente, se fazer ver tal falta de consideração e respeito pelo simbolo da Pátria. Assim, o nosso correligionario sr. José Gomes, digno secretario da Administração do Concelho, participou o facto ao snr. Administrador, baseado no artigo 3.º do Decreto de 28 de Dezembro de 1910, publicado no «Diario do Governo» n.º 72, de 29 do mesmo mez e ano; e testemunhado pelos seguintes cidadãos:

P.º Alfredo João da Silva Correia, Carlos Alberto de Faria Abreu, Capitão Januario Joaquim Lopes de Sousa, João Esteves e José Soares Moreira Guimarães. Portanto, esperamos o procedimento da Ex.^{ma} Autoridade que, como fiscal da Lei, a deve fazer cumprir e respeitar; pois é grave o caso incriminado, e improprio de pessoa que, embora despeitada pela demissão imposta em 1919, do cargo de notário publico, por se imiscuir na *monarquia do quartelão*, é, todavia, considerada culta e não devia de reincidir, porque, da mesma forma como procede, para com o pendão Nacional, tambem lhe podem faltar ao respeito devido, pois a isso dá justa causa.